

DOUTOR AVENTURA E A CAVERNA DE PETER LUND

Estava na hora de eu e Lauro entrarmos na lendária caverna da Lapa Boreal. Ele foi na frente e dirigiu-se à pequena entrada da caverna e entrou deitado na mesma. Como eu sou um pouco mais pesado do que ele, não tive a mesma facilidade, mas acabei conseguindo entrar naquele pequeno buraco, também deitado, sujando de primeira toda a minha roupa de trilha limpinha.

A lanterna de Lauro iluminava na frente toda a escuridão e pelo clarão da minha lanterna pude ver o primeiro salão, um grande cômodo de paredes calcárias lisas. O teto era alto e tinha grandes espeleotemas, tanto no alto como embaixo.

Achei aquilo tudo muito lindo. Pelas minhas pesquisas na internet, eu sabia que Lund trabalhava e dormia dentro das grutas. Ele devia ter montado os animais e passado um bom tempo nesta caverna.

Procurei respirar e observar as belas formações cavernosas.

“É lindo, heim Aventura ?” – perguntou-me Lauro, o guia explorador.

“É maravilhoso. Tem uma entrada tão pequena e um salão tão amplo. E as formações rochosas então ?” – respondi, maravilhado.

Lauro procurou outra entrada e eu acabei avistando outro salão, dentro de uma passagem que entrávamos abaixados, mas em pé.

Quando passei debaixo do teto desta caverna, eu pensei em não me assustar com algum animal gigantesco empalhado em minha direção, parado. Entretanto, caso tivesse algum animal pré-histórico vindo em nossa direção estaria vivo ou fazia parte do filme “Uma noite no museu”. Eu sabia também que Brandt tinha medo das ossadas e que até Lund sonhava com elas mexendo-se.

Lauro entrou primeiro e registrava o caminho que a gente fazia em seu GPS. Olhamos tudo aquilo. A natureza continuava caprichando na beleza interna da gruta.

“Lembra-me um pouco o Petar.” – eu disse.

“Sim, é muito bonito. Mas os animais ainda não estão aqui. Deve ter outros salões no fundo.” – respondeu-me Lauro.

Este segundo salão era menor do que o primeiro, tinha menos espeleotemas, mas havia várias saídas, todas eram descida e levava no caminho do centro da terra. Eu fiz uma cara de desanimado.

“Tem caverna que possui vários quilômetros, Paulo. Nem desanime.”

“Tudo isso aqui é muito bonito. Em minha opinião, Lund não foi muito longe. Por que ele iria montar um museu tão distante do solo ? Também pela dificuldade de operação e de deslocamento.”

“Teremos que escolher um primeiro caminho e seguirmos juntos. Não podemos nos separar, pela nossa segurança. Nem um guia experiente como eu, anda sozinho num lugar como este.”

“Com certeza. Ainda que demore mais, a segurança vem em primeiro lugar. “ – respondi, afinal eu não tinha pressa em achar os animais empalhados.”

Vimos restos de animais encostados na parede, em estado de putrefação e não era nada pré-histórico. Saímos de perto do local e havia saídas para cima da caverna também, que elevava a outros lugares.

“Tem caverna que possuiu quilômetros de distância “ – falei.

“Esta é uma que tem cara de ser comprida. “ – Lauro respondeu.

Vimos morcegos voando perto de nós, cobras e sapo. Nos afastamos um pouco destes animais. Lauro marcou a rota no GPS e falou para mim:

“ Vamos entrar na primeira porta da direita, pois pode ser um bom caminho. “

Não havia um barulho dentro da caverna, era silêncio e escuridão total. Nós combinamos de desligar as lanternas e o olho doeu de tanta escuridão. Ficamos um pouco silentes e eu acabei ligando a minha lanterna de mão. Lauro ainda estava lá.

Acendemos também a lanterna da cabeça, eu conferi que eu tinha trazido muitas pilhas, pois a falta de luz seria fatal. Lauro ligou o rádio e falou com Henrique, falando que estávamos num segundo salão, caminhando para um corredor para um outro terceiro salão.

O chão era muito cheio de pedras e senti uma dor na sola do pé, apesar de usar botas antiderrapantes. Era muito fácil escorregar e fui bem devagar, segurando-me nas paredes, que eu iluminava.

“Vai devagar, Paulo. Nós iremos achar nosso museu.”

“Tudo bem, essas pedras machucam meu pé.”

“Vai cavando, quando você pisa.”

Lauro foi mais rápido, na frente e eu vi que havia uma seta amarela pintada na parede e chamei o guia:

“Lauro, acho que estamos no caminho certo. Você não chegou a ver. Mas olhe aqui nesta parede. Uma seta pintada. Só pode ter sido pintada por Lund.”

“É mesmo, você tem razão. Vamos prestar bem atenção no caminho.”

Acabei aproximando-me do guia e continuamos a vasculhar as paredes, em busca de demais pistas. Só havia esta seta, por enquanto. Pelo menos, Lauro foi mais devagar.

Havia uma passagem no final do túnel e traspassamos esta parte dolorida para mim, que machucou a sola de meu pé. Lauro deu um grito que me assustou, arrepiando até os poucos cabelos que eu tenho na cabeça.

Era um enorme urso negro empalhado no meio do terceiro salão, com a boca aberta e os dentes arreganhados, que por sorte nossa não se mexia.

Dei uma risada e comemoramos:

“Laurão, estamos no caminho certo.”

“Puxa vida ! Que susto ! Olha o tamanho deste urso ! Com certeza é jurássico ! Nunca levei um susto destes, em caverna nenhuma “ – e ele riu.

“Caminho certo, lembre-se disto.” – remendei.

O GPS de Lauro estava registrando este nosso caminho e já tínhamos andado mais de cem metros dentro da Lapa Boreal. Ele também ligou de novo o rádio e falou com a equipe que estava do lado de fora.

Ficamos felizes e fomos olhar o urso gigantesco na entrada do salão na caverna. Seu odor era forte, de animal selvagem mesmo e Lund não havia deixado em seu testamento. Será que era um aviso ? Mas dava-me calafrios.

“Nossa, isto tudo está parecendo mais histórias sua, do Doutor Aventura.” – disse-me Lauro.

“E das boas. Talvez vire um livro.”- falei.

Pusemos a mão no urso, mas não descuidamos de olhar todo o cômodo. Não havia mais nenhum animal, nenhum urso gigante vivo, só morcegos. Havia o teto de pedras e chão de terra batida. Já sentia que o ar não tinha tanto oxigênio como lá no solo, fora da caverna.

Já fazia mais de duas horas que estávamos dentro da caverna e lá fora estava tudo escuro, eu acho. Paramos e comemos as barras de cereais e maçãs que havíamos trazido.

“Nem se preocupe, Aventura. A volta é mais rápida.”

Eu tive minhas dúvidas. Mas, o guia é quem estabelece. Afinal, tudo era escuro dentro da caverna, qual a diferença estar claro ou escuro fora dela ?

Mas era importante as pilhas, a água e a comida, que não daria para mais de dois dias. Mas, se voltássemos, perderíamos o trabalho de hoje, assim resolvemos continuar.

Continuamos a aprofundar na caverna, por um túnel indicado por outra flecha amarela, a segunda. Lauro ligou o rádio e a transmissão foi realizada com dificuldades e o rádio não pegou mais, sendo a última transmissão para o pessoal do lado de fora.

Respiramos. O chão agora era de terra e facilitou a minha vida. Mas ficamos atentos a alguma eventual indicação de flechas na parede. O corredor era menor em distância e alcançamos o mais lindo salão da caverna. Lindas formações rochosas, grandes espeleotemas, na parede de baixo e de cima das cavernas, tudo muito verde e cristalino, algo realmente inacreditável e indescritível para um autor como eu descrever.

Ficamos por minutos apreciando a beleza do local, extasiados. Lauro tentou ligar para os guardiões da entrada da caverna, mas o rádio não pegou e desistimos. Mas, o caminho estava demarcado, definitivamente. Pelo menos até o local onde chegamos.

Havia uma seta amarela apontando para um corredor, em meio a três corredores e acabamos pegando em direção à seta.

“Será que este Lund não era um perigoso e está tentando nos matar ?” – perguntou Lauro.

“De forma alguma. Ele era um benemérito do local onde morava. Ajudava muitas pessoas.”

“Ah, legal, então podemos confiar ? Já estamos a horas .”

“Se foi ele quem fez, sim. Vai saber quem fez estas setas...” – falei.

Passamos um corredor grande e em seu final havia uma placa, num cavalete em madeira. Não acreditei que havíamos chegado no museu, de tanta felicidade. Minha vontade foi correr até lá, mas a prudência me impediu e fez com que andássemos prestando atenção em nossa volta.

Minha felicidade era imensa. Com o foco da minha lanterna eu vi que estava escrito na placa em cima do cavalete:

MUSEU SUBTERRÂNEO – PETER WILHEM LUND – ANIMAIS PRÉ-HISTÓRICOS .

Lauro pulava de alegria e algumas pedras caíam de cima.

“Oh, desculpe. Vamos devagar ou vamos destruir este local tão belo. Estou louco para chegar até lá.”

“O problema não é só a gente destruir. Mas a gente não voltar.”

Atravessamos este último corredor até chegar ao museu. O salão era enorme, alto e em forma de um retângulo, com uns cem metros de largura por quinhentos metros de distância, e uns vinte metros de altura.

Os animais encontravam-se no meio do salão e eram, a primeira vista, assustadores. Preguiças gigantes, tigres de dente de sabre, glipodonte, macaucrêneas, vários animais que no meu estado de excitação nem posso relatar. Tudo muito bem feito. Um espetáculo aquela recriação. Tanto, que eu não poderia dizer se eu teria ou não coragem de entrar sozinho naquele local. Uma perfeição.

Tudo valeu a pena, que trabalho fez o Dr. Lund. Para a humanidade ! Combinava ambiente e animais. Havia também esqueletos montados em plataformas.

Chegamos perto dos animais e passamos o foco em cada pedaço deles. Comecei pelos animais mais simpáticos, como a preguiça gigante, macrauquênia (espécie de camelo com trombas) , glipdonte (tatu gigante), antílopes e deixei os animais pavorosos

por fim para eu ver, como o tigre de dente de sabre e alguns lobos pré-históricos. Como civilizados que somos, tanto eu como Lauro não pusemos a mão nos animais.

“Aventura, isto aqui está me dando medo” – falou Lauro.

“Deixe-me ver mais um pouco” – falei, enquanto ele sentou-se no chão da caverna – “E, Peter Lund, que trabalho !”.

E fiquei admirando o toxodonte, aquele animal parecido com o hipopótamo, que parecia um animal gentil, pelo menos morto e empalhado.

Lauro encontrou também um baú contendo cristais, encostado na parede da caverna e me perguntou o que seria.

“Deve ter sido feito pelos escravos de Lund, a sua ordem. Deve ter ficado aqui por algum motivo.” – filosofei. Pertencia a família de Nereu, o filho adotivo de Lund.

Comemos nossas últimas barras, água ainda tinha bastante e descansamos.

“Está tudo registrado aqui no meu GPS. Podemos dar a notícia ao mundo” - falou todo feliz Lauro e nos arrumamos para voltar.

Deveria ser de madrugada. Trabalho realizado. Enquanto Lauro colocava o foco da lanterna em cada animal, eu batia as fotos dos mesmos e assim, fotografamos tudo e também a placa do museu.

As paredes deste salão eram lisas e havia uma janela neste local e Lauro, olhou-me fixamente, mas quase riu:

“Acho que escutei um barulho aqui. Vou ver o que é. Vou deixar as minhas coisas com você. Voltarei exatamente em trinta segundos.”

“Barulho ? Não ouvi nada. Volte em trinta segundos ou eu não te esperarei.” – falei brincando – “não é melhor a gente ir junto ?”

“Volto em dez segundos. Pelo amor de Deus, Paulo !” – e sem o meu consentimento, Lauro pulou a janela.

Eu não ouvi nada. Ele tinha deixado todas as suas coisas comigo, inclusive água, além das cordas e outros apetrechos.

Iluminei o relógio com a lanterna e contei os trinta segundos e não ouvi nada. Será que havia animais pré-históricos vivos na caverna? Será que era animal de verdade ? De porte grande ?

Não ouvi mais nada. Um silêncio ensurdecedor. Uma escuridão assustadora e eu sozinho no mundo. Coloquei a cabeça na janela que Lauro havia saltado. E nada. Não existiam setas indicativas. Peguei as coisas dele e junto com as minhas resolvi procurar o companheiro, pulando a mencionada janela.

Fui muito devagar. Nenhum ruído. Tudo muito escuro. Já se passaram quinze minutos desde a sumida de Lauro. Será que ele caiu e precisa de ajuda ? Ou foi um animal ? Ou torceu o pé como Rodolfo ? Fui em silêncio total e cheguei às vezes apagar a minha lanterna, já que ele tinha ouvido barulho.

Com a lanterna acesa, perto de um corredor com várias janelas, cheguei devagarzinho e quando vi eu estava cercado, muito perto, de várias pessoas, que apontavam revólveres para mim. Quem aparentemente liderava um bando era ninguém menos que Rodolfo.

“E daí Doutor , Aventura ? Quero ver você escapar desta, há, há, há, há.”

Encarei o rapaz e não respondi.

(Texto extraído do Livro: “ O testamento secreto de Peter Lund”, de Paulo Eduardo Michelotto,)